



 Viviane Marinho¹

 Fernanda Ribeiro dos Santos
de Sá Brito¹

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro^{ROR}, Instituto de Nutrição Josué de Castro, Departamento de Nutrição Social e Aplicada. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Correspondência

Viviane Marinho
vivianemarinho@nutricao.ufrj.br

Editoras Associadas

 Cristiane Marques Seixas

 Juliana Pereira Casemiro

 Luciana Azevedo Maldonado

 Maria Fátima Garcia Menezes

Educação alimentar e nutricional como prática emancipatória: por uma práxis popular e engajada

Food and nutrition education as an emancipatory practice: Toward an engaged and popular praxis

Resumo

Este ensaio teórico visou trazer uma reflexão crítica sobre as aproximações entre as ideias de bell hooks e Paulo Freire em contribuição para a construção de uma Educação Alimentar e Nutricional (EAN) popular e engajada. A metodologia adotada foi a análise das obras desses autores, buscando compreender suas interseções e suas especificidades, sem a pretensão de esgotá-las. A pedagogia engajada proposta por hooks, aliada à pedagogia libertadora de Freire, buscam transformar não só a educação, mas a sociedade, tendo os sujeitos como protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem e emancipação. Essas abordagens, ao serem incorporadas na EAN, podem ser promotoras de uma alimentação mais saudável, levando em consideração as questões de raça, gênero, cultura e poder presentes nas desigualdades alimentares nos mais diversos territórios. A EAN popular e engajada também se relaciona com a promoção da segurança alimentar e nutricional, respeitando a diversidade cultural e fomentando a participação política das pessoas e sua autonomia no processo de tomada de decisões relacionadas à alimentação e à saúde. Além disso, a formação de profissionais de saúde comprometidos com essa abordagem é fundamental para promover mudanças significativas nos paradigmas educacionais e na compreensão de lacunas importantes existentes na formação dos profissionais de saúde, no que se refere aos conteúdos do campo das ciências sociais e humanas. No contexto atual, marcado pelo fortalecimento do agronegócio e pela perda da diversidade alimentar, a EAN popular e engajada se mostra como um caminho para defender as culturas alimentares, lutar pela soberania alimentar e por uma alimentação mais diversa e sustentável.

Palavras-chave: Educação Alimentar e Nutricional. Educação em saúde. Direito Humano à Alimentação Adequada. Ciências Sociais.

Abstract

This theoretical essay aims to critically reflect on the approximations between the ideas of bell hooks and Paulo Freire in contributing to the construction of a popular and engaged Food and Nutrition Education (FNE). The methodology we adopted was analyzing the works of these authors to understand their intersections and specificities without pretending to exhaust them. The engaged pedagogy proposed by hooks, together with Freire's liberating pedagogy, seek to transform not only Education, but society, with the subjects as the leading figures of their learning and emancipation process. When incorporated into FNE, these approaches can promote healthier eating, considering the issues of race, gender, culture, and power in food inequalities in the most diverse territories. Popular and engaged FNE is also related to promoting food

and nutritional security, respecting cultural diversity, and fostering people's political participation and autonomy in the decision-making process related to food and health. Moreover, training health professionals committed to this approach is fundamental to promoting significant changes in educational paradigms and understanding important gaps in this staff's training of health professionals regarding social and human sciences content. In the current context, marked by the strengthening of agribusiness and the loss of food diversity, grassroots and engaged FNE is a way of defending food cultures, fighting for food sovereignty, and a more diverse and sustainable diet.

Keywords: Food and Nutrition Education. Health Education. Human Right to Adequate Food. Social Sciences

.

.

INTRODUÇÃO

A Educação Alimentar e Nutricional (EAN) tem sido um campo de estudo crescente nos últimos anos. De acordo com a atual Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), a EAN é definida como um "conjunto de práticas educativas que visam à formação de indivíduos e comunidades quanto à promoção da saúde no campo da alimentação e nutrição". Dessa forma, a EAN tem um papel fundamental na promoção da alimentação saudável, valorizando as dimensões culturais, sociais e ambientais da alimentação.¹

Em 2012, foi publicado o Marco de Referência de EAN para as Políticas Públicas, um importante marco na área. A partir dele, a EAN passou a ser compreendida como uma prática intersetorial, transversal e emancipatória, que deve ser promovida em diversas esferas da sociedade, incluindo escolas, unidades de saúde e espaços públicos. Esse marco também enfatizou a necessidade de se promover uma alimentação saudável e sustentável, valorizando a diversidade cultural e as escolhas alimentares dos indivíduos.²

Nos últimos dez anos, houve uma mudança significativa nas abordagens teóricas no campo da Alimentação e Nutrição (AeN). A ciência da nutrição tem se aproximado mais das ciências sociais e humanas, possibilitando a reflexão interdisciplinar e o diálogo com outras áreas do conhecimento, como a educação.³ Essa aproximação tem gerado importantes debates sobre as desigualdades sociais, a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e as críticas ao nutricionismo.

Scrinis define o nutricionismo como uma abordagem que prioriza os aspectos biológicos e nutricionais dos alimentos, negligenciando suas dimensões culturais, sociais e políticas.⁴ Essa visão desvaloriza as escolhas alimentares individuais e facilita a comercialização de produtos alimentícios por megacorporações, contribuindo para a existência de "pântanos alimentares", onde o acesso a alimentos saudáveis é limitado.

A educação engajada de bell hooks e a educação popular de Paulo Freire são referências importantes para promover uma alimentação saudável e sustentável. A pedagogia engajada de hooks prioriza uma educação crítica e emancipatória, valorizando as dimensões culturais e sociais da alimentação. A educação popular de Freire destaca a participação ativa dos sujeitos na construção do conhecimento, valorizando suas experiências, culturas e saberes populares.⁵ Essas abordagens valorizam as dimensões sociais, culturais e afetivas da alimentação, resgatando experiências alimentares para além do enfoque nutricional.

Com base no tema proposto, a metodologia adotada neste ensaio teórico de aproximação do pensamento de Paulo Freire e bell hooks em contribuição ao campo da EAN consistirá na análise crítica de algumas obras desses autores, buscando as aproximações entre essas abordagens teóricas e suas possíveis contribuições para a construção do que estamos chamando de *EAN popular e engajada*.

O objetivo geral deste ensaio é realizar uma aproximação entre o pensamento de Freire e hooks, identificando suas contribuições para o campo da EAN. Especificamente, busca-se discutir como a pedagogia libertadora de Freire e a perspectiva feminista negra de hooks podem contribuir para uma EAN mais crítica, emancipatória e transformadora. Além disso, pretende-se evidenciar a importância da EAN como uma prática que pode promover mudanças sociais significativas, não apenas na área de alimentação e nutrição, mas na perspectiva da justiça social, ambiental e em saúde.

Da Educação Nutricional à Educação Alimentar e Nutricional

A EAN é uma área de conhecimento e prática que visa a promoção da alimentação adequada e saudável, a prevenção de doenças relacionadas à alimentação e a Segurança Alimentar e Nutricional da população. No Brasil, a história da EAN tem suas raízes na década de 1930, quando as primeiras campanhas de combate à fome foram realizadas no país. Nesse contexto, a educação tinha forte caráter higienista e

eugenista. Entendia-se que os quadros graves de desnutrição e fome eram decorrentes de uma alimentação pobre em nutrientes, o que poderia ser revertido com ações pedagógicas, sem qualquer reflexão crítica sobre questões sociais e políticas. Prevalcia o "Mito da ignorância", ou seja, acreditava-se que as pessoas tinham desnutrição pois não sabiam se alimentar corretamente.^{6,7}

Com o término da Segunda Guerra Mundial, em um contexto político desafiador, surgiram medidas que moldaram as ações de Educação Alimentar no Brasil. Os EUA, com grandes reservas de cereais, lançaram programas de ajuda externa para manter os preços no mercado global e ganhar a "simpatia" dos países em desenvolvimento, doando alimentos ao Hemisfério Sul. Isso levou à utilização da Educação Alimentar para ensinar a população brasileira a consumir alimentos não tradicionais, como a soja, distribuídos nas escolas públicas através da Campanha da Merenda Escolar, hoje conhecida como Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).⁶

Nos anos 1960, surge no Brasil a figura de Paulo Freire, quando publica o livro "Pedagogia do Oprimido", um marco para o campo da Educação, que demorou a ser incorporado às práticas de EAN, quando o sentido das práticas educativas passa a transcender o ensino da ciência da nutrição, para além de se alimentar melhor era preciso problematizar os fatores sociais, econômicos e políticos que incidiam sobre o acesso a uma alimentação insuficiente em quantidade e inadequada em qualidade.⁶

Entre as décadas de 1960 e 1980, em um contexto de governos militares, o binômio alimentação-educação que balizava as ações no campo, passa a ceder espaço para o binômio alimentação-renda, que entendia a renda como principal obstáculo para se obter uma alimentação saudável.⁷ Nesse período as ações educativas perderam espaço e passaram a ser vistas como uma prática antiética, por ser invasiva e não considerar a sabedoria alimentar popular. Contudo, na contramão, pesquisas começam a ser desenvolvidas e a demarcar outras perspectivas para o campo.⁶

Nos anos 1990, três fatores marcaram a trajetória da EAN no Brasil. A transição nutricional, com aumento da obesidade e doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), questionou a crença na responsabilidade individual pela qualidade da alimentação. Era essencial considerar não apenas o contexto subjetivo, mas também o social, econômico e cultural.

O fortalecimento do movimento de Promoção da Saúde (PS) foi outro elemento importante, influenciado pela 1ª Conferência Internacional de Promoção da Saúde em Ottawa (Canadá), que impactou a constituição do SUS. A PS fortaleceu a EAN ao destacar a importância da Promoção da Alimentação Saudável no combate à obesidade, enfatizando a relação entre alimentos e contextos de vida.⁶

Ainda nos anos 1990, foi formulada a primeira Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), como parte de uma Reforma de Estado que extinguiu o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN) e o primeiro Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA). A primeira PNAN focou no fortalecimento da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e na articulação intersetorial. Embora a EAN não fosse um campo proeminente, ela começou a ganhar espaço, especialmente na diretriz sobre "Promoção de práticas alimentares e estilos de vida saudáveis". Valorizaram-se os processos educativos em Alimentação e Nutrição, embora sem uma definição explícita das bases teórico-conceituais.⁸

Na década de 2000, a EAN ganha ainda mais destaque com a criação do Programa Bolsa Família, que incorporou ações de promoção da alimentação adequada e saudável como parte do programa, assim como com a realização de diversas conferências nacionais de alimentação e nutrição e de Segurança Alimentar e Nutricional, que discutiram e elaboraram políticas públicas voltadas para a EAN.

Diante dos avanços institucionais da SAN e do SUS, especialmente na atenção nutricional à saúde, é formulada a segunda edição da PNAN em 2011.⁹ Destaca-se a Promoção da Alimentação Adequada e Saudável, com ênfase na EAN como essencial para alcance da SAN.

É importante apontar que a EAN no Brasil também foi influenciada por outras áreas de conhecimento, como a Educação Popular e a Agroecologia, que trouxeram a perspectiva da participação social e da sustentabilidade para as ações voltadas para a alimentação e a nutrição.

O Marco de EAN e as mudanças de paradigma do campo

A publicação do Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas em 2012 marcou um avanço na consolidação da EAN no Brasil. Elaborado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome em conjunto com diversos atores da sociedade civil e do governo, o documento define a EAN e apresenta objetivos, princípios e diretrizes para sua implementação.²

Uma das principais mudanças trazidas pelo Marco de EAN foi a concepção de alimentação como um direito humano. Isso amplia o escopo da EAN, que passa a ser vista não apenas como uma questão de saúde, mas também de direitos humanos, cidadania e justiça social. Outra mudança importante é a compreensão de que a EAN deve ser uma política transversal e intersetorial, envolvendo não apenas a área da saúde, mas também outras áreas como educação, meio ambiente, desenvolvimento social e agricultura.²

Além disso, o Marco de EAN reconhece a importância da participação social na formulação, implementação e monitoramento das políticas públicas de EAN. Isso significa que a sociedade civil, as organizações não governamentais e os movimentos sociais devem ser consultados e envolvidos em todas as etapas do processo, garantindo a transparência e a democratização das políticas de EAN.²

Também podemos observar neste documento uma valorização da diversidade cultural e alimentar, reconhecendo que a alimentação é uma manifestação cultural e que cada grupo social possui suas próprias tradições e saberes alimentares. Isso significa que a EAN deve respeitar e valorizar a diversidade cultural, promovendo o diálogo entre os diferentes saberes e práticas alimentares.²

Além disso, o marco adota uma abordagem crítica sobre a segurança alimentar e nutricional, entendendo-a como uma questão complexa relacionada às desigualdades sociais, econômicas e culturais. A EAN busca promover reflexão e transformação das estruturas sociais injustas.²

Pode-se afirmar que a história da EAN no Brasil é marcada por um percurso de desenvolvimento histórico, social e político da sociedade brasileira, que ao longo dos anos se constituiu como um campo na busca pela promoção da alimentação adequada e saudável e na garantia do direito humano à alimentação adequada e saudável e da segurança alimentar e nutricional, ainda que os últimos anos tenham sido marcados por importantes barreiras para tais agendas.

A Educação Popular de Paulo Freire e a promoção de uma EAN popular

Paulo Freire é um dos principais nomes das teorias críticas da educação no Brasil e no mundo, sendo reconhecido por suas contribuições inestimáveis para este campo. Em sua obra "Pedagogia do Oprimido", publicada em 1968, Freire desenvolveu uma teoria pedagógica voltada para a libertação dos oprimidos, especialmente os mais pobres e marginalizados.¹⁰

A partir de uma visão dialética da educação, Freire propõe um processo de aprendizagem que valoriza o conhecimento, experiências e saberes dos sujeitos, buscando uma educação emancipadora que transforme a realidade social e política. Ele defende uma prática pedagógica de diálogo e participação ativa dos estudantes, com o educador atuando como mediador e facilitador.¹¹

Paulo Freire argumenta que a educação é um processo contínuo e universal, no qual todos estão sempre aprendendo e se desenvolvendo. Ele enfatiza que não há pessoas completamente educadas ou ignorantes, apenas diferentes níveis de conhecimento, todos relativos e sujeitos a mudanças. Freire destaca que a sabedoria surge da ignorância e que todo conhecimento humano pode ser superado. Ele defende uma postura humilde dos educadores, reconhecendo e valorizando o conhecimento dos educandos, promovendo uma troca de saberes baseada na comunicação popular.¹²

Na obra "Educação e Mudança", Freire destaca não apenas a importância do amor na educação, mas também rejeita firmemente a imposição na prática educacional. Ele defende uma abordagem que valorize os sentimentos de amor e respeito mútuo entre educadores e educandos, essenciais para enfrentar o egoísmo e promover uma compreensão mais profunda e respeitosa do próximo. Esse amor genuíno é fundamental para criar um ambiente educacional livre de medo e repleto de confiança e colaboração mútua. Simultaneamente, ele ressalta que a transformação social resulta diretamente da ação humana sobre o mundo, contribuindo para a criação de um mundo próprio: o mundo histórico-cultural. Influenciado pela práxis humana, esse mundo abrange diversos elementos, desde eventos e valores até sistemas de conhecimento, exercendo profunda influência sobre a natureza humana. Portanto, a conexão entre a educação baseada no amor e na autonomia e a transformação social é evidente, refletindo a capacidade do ser humano de moldar e ser moldado pelo mundo ao seu redor.¹² Assim, nos cabe a reflexão:

A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos *sobre* o educando. Não trabalhamos *com* ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque, recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção.¹³ (pag.128)

Nessa perspectiva, as contribuições de Paulo Freire são fundamentais para o desenvolvimento de uma prática educativa crítica e emancipatória no campo da EAN. Para Freire, a educação é um processo coletivo de construção de conhecimento, no qual as pessoas se apropriam dos conteúdos e os aplicam em suas vidas cotidianas. Isso requer uma abordagem contextualizada da EAN, considerando a realidade dos indivíduos, suas práticas alimentares e a influência do meio social e cultural.

Além disso, Freire defendia que a educação deve estar a serviço da transformação social, lutando contra as desigualdades e injustiças presentes na sociedade. Assim, o trabalhador social comprometido com a mudança não teme a liberdade nem busca impor sua vontade. Sua abordagem é centrada na comunicação e na desmistificação do mundo e da realidade, reconhecendo a humanidade e a dignidade das pessoas com quem trabalha. Ele as enxerga como sujeitos ativos, não como objetos, e seu objetivo é promover a superação da estrutura social que desumaniza os indivíduos, permitindo que se tornem sujeitos autônomos. Para ele, a mudança é uma necessidade, não uma ameaça, e ele se vê como um agente entre muitos na busca pela transformação social. Ele acredita no potencial de todos os indivíduos como agentes de mudança

e os incentiva nesse sentido. Quando a estrutura social dificulta essa transformação, sua função não é reforçar o estado de objeto, mas sim questioná-lo e provocar reflexão sobre essa condição.¹²

Sob esse prisma, a EAN pode ser uma ferramenta importante para a promoção da SAN e da justiça social, através de ferramentas que gerem consciência e mobilização dos indivíduos em torno do direito humano à alimentação adequada e saudável.

A perspectiva freiriana é tanto importante no processo de formação de novos profissionais de saúde quanto na atuação desses profissionais, que são educadores por natureza. Na formação, diante de um contexto cujas bases formativas ainda são essencialmente biologicistas e hospitalocêntricas, com pouco espaço para disciplinas das ciências sociais e humanas, é um desafio o exercício de reflexão analítica e crítica sobre os fenômenos sociais,⁸ tendo como consequência uma formação frágil, com profissionais fortemente pautados pelo nutricionismo, com um olhar reduzido para o alimento, sem compreender o papel das relações do alimento com os indivíduos, inseridos em um cenário social singular.

Vivemos um contexto onde a insegurança alimentar e nutricional se dá em diferentes perspectivas, desde a falta de acesso ao alimento, ao consumo de alimentos impróprios, de baixa qualidade e distantes das nossas culturas e modos de viver tradicionais. Tal cenário é reflexo de projetos políticos que não se responsabilizam pelas vidas das pessoas, o mesmo projeto que precariza e negligencia a educação pública de qualidade. A necropolítica, produtora de morte e manutenção do status quo. Nesse sentido, formar profissionais na perspectiva freiriana, que possam refletir criticamente e protagonizar a transformação da realidade social, rompendo com construções estruturais excludentes, forjadas no racismo, patriarcado e colonialismo, é tarefa fundamental.

A Pedagogia Engajada de bell hooks e a construção de uma EAN engajada

Conforme já pontuamos, podemos perceber que no Brasil o campo da EAN tem se aproximado da educação popular, buscando uma prática de transformação social que coloca os sujeitos como protagonistas em seu próprio processo de aprendizagem e emancipação. E nessa perspectiva, podemos afirmar que a obra de bell hooks é extremamente relevante e traz contribuições importantes para o campo.

hooks é uma teórica feminista negra que destaca a importância da perspectiva crítica da raça e de gênero na educação. Seus escritos, que abordam temas como o feminismo, a violência, a cultura e a arte, têm inspirado diversas áreas do conhecimento, incluindo a EAN.

A autora propõe uma práxis que se aproxima da pedagogia freiriana, chamando à ação para a construção de uma educação crítica e libertadora. Essa práxis engajada é uma prática educativa que busca a transformação social por meio da reflexão crítica sobre as relações de poder e das ações transformadoras em direção à justiça social e ambiental. Assim sendo, a pedagogia engajada “ênfatisa a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula”, e nesse sentido “cria uma sala onde estar inteiro é bem-vindo, e os estudantes podem ser honestos, até mesmo radicalmente abertos” (p.49).¹⁴

Em “Escrever além da raça: teoria e prática”, hooks menciona a ideia de uma prática empírica evidenciada por ideias e teorias. A teoria pode nos orientar para a liberdade, especialmente ao expandir nossa consciência sobre como todos somos afetados por viver em uma cultura de dominação, o “patriarcado supremacista branco capitalista imperialista”. Neste contexto, para a autora, a educação não se restringe à transmissão de conhecimentos, mas busca capacitar indivíduos a compreender e transformar sua realidade. hooks enfatiza que a educação é um processo político e cultural, envolvendo poder, valores e interesses.

Portanto, deve promover a conscientização e a reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e estimular a participação ativa dos alunos na busca por mudanças.¹⁵

O educador e o educando são orientados a desenvolver o pensamento crítico: o professor não é visto como detentor absoluto do conhecimento, mas como facilitador, mediador entre o conhecimento e o aluno, incentivando a curiosidade, diálogo e reflexão. O aluno, por sua vez, não é apenas receptor passivo, mas um sujeito ativo e protagonista de seu próprio aprendizado.¹⁶

Em trecho da obra *Pertencimento*, hooks alerta: “a criatividade não é quieta” (p.193).¹⁷ Essa afirmação, sintética e cheia de desdobramentos, nos traz à superfície a reflexão sobre as expectativas do educador ao construir espaços coletivos de produção do conhecimento. Como construir o protagonismo estudantil, desenvolver senso crítico e estimular a criatividade em espaços que se pretendem quietos?

O modelo de sala de aula tradicional, com carteiras perfiladas, aulas expositivas e centralidade no docente é denominado por Freire como “educação bancária”. Este conceito se refere a um modelo de ensino tradicional, onde o conhecimento é passivamente depositado nos alunos, vistos como recipientes vazios a serem preenchidos pelo professor. Nesse sistema, o educando é tratado apenas como receptor de informações, sem estímulo para questionar, refletir ou participar ativamente do processo de aprendizagem. Em “Pedagogia do Oprimido”, Freire critica esse modelo, argumentando que ele perpetua relações de dominação e alienação, impedindo o desenvolvimento crítico e autônomo dos educandos.¹⁷

Então, como engajar os estudantes para este processo de construção coletiva? Em sua obra, hooks argumenta que o pertencimento está intimamente ligado à construção de identidades, e uma forma poderosa de cultivar isso é valorizando a cultura local. Para hooks, a escrita e o resgate de memórias são essenciais nesse processo, permitindo que indivíduos reconheçam e celebrem suas raízes e histórias pessoais. Essa compreensão capacita os educadores a criar ambientes de aprendizado mais inclusivos e acolhedores, onde cada aluno se sinta reconhecido e valorizado. Integrando o conhecimento sobre a cultura local e incentivando o compartilhamento de experiências pessoais, os educadores promovem uma sala de aula que respeita e celebra a diversidade, cultivando um senso de pertencimento e identidade entre os alunos.¹⁷

Não menos importante, a autora ressalta que a educação deve incluir o afeto, pois é por meio dos sentimentos que se estabelece confiança e empatia entre professor e aluno. Para hooks, o amor na educação não é piegas ou romântico, mas uma prática de cuidado e respeito. É um acolhimento que reconhece a singularidade e potencial de transformação de cada indivíduo.¹⁸

No contexto da EAN, a obra de hooks auxilia na ampliação da compreensão dos desafios do campo. Ela destaca que essas questões não são apenas individuais, mas estão inseridas em um contexto social mais amplo. A abordagem crítica de hooks sobre raça e gênero reitera como a alimentação e a nutrição se conectam às desigualdades sociais, econômicas, culturais e de gênero, ressaltando a importância de abordagens interseccionais na EAN.

A EAN popular e engajada como caminho para a promoção da segurança alimentar e nutricional

A aproximação entre as ideias de bell hooks e Paulo Freire agregam para a construção de uma EAN que busca uma prática de transformação social por meio da educação crítica e emancipatória. A práxis engajada proposta por hooks e a pedagogia crítica de Freire podem ajudar a construir uma EAN que coloca os sujeitos como protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem e de transformação social, promovendo uma alimentação mais saudável, justa e sustentável.

Com isso em mente, ao revisitarmos o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional, compreendida como

a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis.

compreendemos que só é possível respeitar a diversidade cultural e pensar na sustentabilidade social e ambiental, se existir a participação das pessoas nesse processo, se forem respeitadas as experiências, as vivências, a cultura de cada território.

Destaca-se que a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), aprovada em 2010, incluiu a EAN como uma das 8 diretrizes.⁸ Nesse sentido, a educação crítica é fundamental para que as pessoas possam protagonizar suas experiências com a comida, mantendo vivas suas memórias alimentares afetivas e tradições, e tenham liberdade de escolha. Além disso, contribui para analisar criticamente a exposição a alimentos ultraprocessados e publicidade enganosa, reconhecer a precariedade da oferta de alimentos verdadeiros, especialmente em territórios vulnerabilizados, e conhecer seus direitos e caminhos de reivindicação. Um elemento essencial para garantir a Segurança Alimentar e Nutricional é a soberania alimentar, que implica na autonomia das comunidades em suas escolhas alimentares e produção. Isso inclui o direito de decidir o que plantam, produzem e consomem, reduzindo a dependência de importações e flutuações de mercado. Para viabilizar essa autonomia, uma Educação crítica e emancipatória é fundamental.

Nos dias de hoje, com o fortalecimento do sistema agroalimentar pautado no agronegócio, crescem assustadoramente extensões de terra voltadas à produção de um pequeno grupo de alimentos reconhecidos como *commodities*, ou seja, produtos voltados para exportação e para a produção de ração animal. Com isso, perdemos a possibilidade de produzir uma variedade enorme de alimentos da nossa cultura alimentar, que está cada vez mais ameaçada. Belik¹⁹ faz uma importante reflexão sobre a monotonia na alimentação dos brasileiros, onde, tanto no meio rural quanto urbano e independente da região, apenas 10 alimentos concentram mais de 45% do que consumimos no nosso país, uma contradição frente à diversidade do que poderia ser produzido e consumido. O monocultivo nos leva à monotonia.

As ameaças, nesse contexto, estão em disputas econômicas e políticas dentro dos sistemas alimentares. As culturas alimentares não são estáticas e dadas, são dinâmicas e parte orgânica da realidade, sendo um elemento central de práticas educativas sob a perspectiva freiriana, que compreende o saber do educando como parte fundamental do processo. Saber esse, construído de suas vivências e da sua própria cultura. Nessa perspectiva, processos educativos cidadãos, imbuídos de um propósito de provocar mudanças sociais, são fundamentais na defesa do patrimônio e das culturas alimentares.⁸

A pedagogia engajada de hooks é uma práxis crítica, unindo teoria e prática para transformação social. Não se limita ao ambiente educacional formal, mas se estende a outras áreas, como a saúde. Na formação de profissionais de saúde, essa pedagogia pode desenvolver sujeitos críticos e reflexivos, capazes de entender as dimensões sociais e políticas da saúde e de agir de forma consciente na promoção da saúde e na busca por melhores condições de vida.

Formar profissionais de saúde comprometidos com essa EAN popular e engajada pressupõe mudanças significativas nos paradigmas que vêm sendo adotados como prioridades nos cursos de

graduação. A interface entre as ciências sociais e humanas e o campo da alimentação e nutrição se mostra essencial para que possamos superar o paradigma do nutricionismo e promover uma formação que compreenda que o fenômeno alimentar extrapola os limites do campo da saúde.

bell hooks, em "Erguer a voz", destaca como a academia nos influencia a pensar e escrever de maneira padronizada e distante de nossas experiências pessoais. Para ela, as experiências nos aproximam, nos conectam e nos tornam acessíveis e compreendidos. Construir abordagens pedagógicas de EAN que considerem essa conexão é essencial. Somos seres alimentados constantemente, não apenas por nutrientes, mas também por comida, memória, cultura e conforto - tudo ligado às nossas experiências e estilos de vida. Essa perspectiva precisa ser incorporada na prática dos futuros profissionais, para que continuem lutando pela soberania alimentar e pela SAN.²⁰

Nessa mesma perspectiva, o campo da AeN é perpassado por uma matriz de opressões. A começar pela presença permanente da fome na nossa sociedade, fome esta, que tem raça e gênero.²¹ O conceito de Alimentação saudável muitas vezes está enraizado em uma perspectiva branca e eurocêntrica do que é "saudável" sem considerar outras culturas e modos de vida.²² O próprio conceito de "comensalidade", tão caro para o campo, é um conceito branco, pois: quem pode sentar à mesa com a família para se alimentar? Quem prepara essa comida, pode estar com os seus nesse momento? A mulher negra tem um papel socio-histórico a frente da cozinha que se forja na escravidão e se sofisticava cotidianamente.^{23,24} O campo da Nutrição precisa colocar em xeque essa matriz de opressões que nos atravessa desde sempre.

Em nosso entendimento, o caminho mais profícuo para enfrentarmos essas opressões dentro do campo da AeN é a partir da formação dos futuros profissionais, educadores em sua essência, que estarão inseridos nas mais diversas áreas de atuação. Para que essa formação alcance tal desafio, vale destacar a essencialidade das cotas universitárias, que têm possibilitado a entrada na universidade de pessoas advindas das mais diversas realidades e modos de vida.²² Para além do debate fundamental sobre reparação histórica, essa mudança modifica as temáticas a serem debatidas e pesquisadas nas graduações e pós-graduações, sempre escolhidas por grupos, majoritariamente brancos e eurocêntricos, as vozes ouvidas.^{25,26}

Nesse contexto, bell hooks, em "Erguer a voz", destaca a importância de quebrar o silêncio, especialmente para grupos oprimidos. É sobre compreender a dominação e cultivar uma consciência crítica que possa transformar a sociedade, encorajando o ato de "erguer a voz". Para o oprimido, a transição do silêncio para a fala é um gesto desafiador e curativo. Não é apenas uma expressão de palavras vazias; é a manifestação da transformação de objeto em sujeito, onde "a voz liberta". Portanto, a educação como prática de liberdade só é possível se o educando tiver um espaço propício para "erguer a voz".²⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EAN é uma área de estudo que tem ganhado destaque nos últimos anos. Ela visa promover a saúde por meio da alimentação e nutrição, levando em consideração aspectos culturais, sociais e ambientais. No Brasil, o marco referencial para a EAN foi estabelecido em 2012, quando a abordagem da EAN passou a ser entendida como uma prática intersetorial, transversal e emancipatória. Esse marco ressaltou a importância de uma alimentação saudável e sustentável, valorizando a diversidade cultural e as escolhas alimentares dos indivíduos.

Na atualidade, é notável o incremento nas abordagens teóricas no campo da alimentação e nutrição, trazido pela aproximação com ciências sociais e humanas. Esse acréscimo permitiu debates importantes

sobre temas como as desigualdades sociais, segurança alimentar e nutricional, interseccionalidades, assim como críticas ao nutricionismo.

Este ensaio teórico procurou unir os pensamentos de Freire e hooks, identificando suas contribuições para a EAN. Explorou como a pedagogia libertadora de Freire e a perspectiva feminista negra de hooks podem enriquecer uma EAN mais crítica, emancipatória e transformadora. Além disso, destacou-se o papel crucial da EAN na promoção de mudanças sociais abrangentes, não apenas na alimentação e nutrição, mas também na justiça social, ambiental e na saúde.

Ao longo deste ensaio, discutiu-se como a pedagogia libertadora de Freire enfatiza o diálogo, a participação ativa e a problematização das questões sociais, políticas e econômicas que afetam a vida, incluindo alimentação e nutrição. Essa abordagem reconhece que a EAN vai além do ensino da ciência da nutrição e da promoção de hábitos saudáveis, abrangendo questões de justiça social, direitos humanos e cidadania. Por sua vez, a perspectiva de bell hooks, baseada na ideia de que a educação é uma construção coletiva, destaca a importância de considerar as dimensões culturais, sociais e políticas da alimentação. Isso implica valorizar a diversidade cultural e os saberes populares, respeitando as escolhas alimentares individuais e combatendo a desvalorização de práticas alimentares tradicionais e ancestrais. A EAN popular e engajada, inspirada nessa visão, pode promover uma maior inclusão e respeito às diferentes tradições alimentares.

É importante destacar que a EAN não se restringe apenas a ações no âmbito individual, mas também busca influenciar políticas públicas, sistemas alimentares e estruturas sociais injustas. Através da participação social e do diálogo entre diferentes atores, incluindo a sociedade civil, as organizações não governamentais e os movimentos sociais, a EAN pode se tornar um instrumento poderoso para promover mudanças sociais.

Em última análise, diante de um contexto atual de tantas violências, a escolha dos autores também diz respeito a um modo de fazer EAN que cuide e se responsabilize de forma amorosa pelas vidas, tanto dos alunos que se tornarão profissionais do cuidado e educadores, quanto das vidas que cuidamos enquanto profissionais. Primamos por um cuidado amoroso, não na perspectiva romântica, mas de um sentimento de responsabilidade, humanidade, cuidado e respeito pelas vidas, em suas mais diversas subjetividades, pois engajar-se é um ato de resistência e de oposição à toda forma de dominação, que jamais acabará enquanto formos ensinados a desvalorizar o amor.¹⁸

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Alimentação e Nutrição. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.
2. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas. – Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012. 68 p. ISBN: 978-85-60700-59-2.
3. Prado SD, Bosi MLM, Carvalho MCVS de, Gugelmin SÂ, Mattos RA de, Camargo Junior KR, et al.. Alimentação e nutrição como campo científico autônomo no Brasil: conceitos, domínios e projetos políticos. Rev Nutr [Internet]. 2011 Nov;24(6):927–38. <https://doi.org/10.1590/S1415-52732011000600013>
4. Scrinis, G. Nutricionismo: a ciência e a política do aconselhamento nutricional. São Paulo: Elefante, 2021.

5. Hooks, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade/bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2.ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
6. Boog, MCF. Percurso histórico: diferentes sentidos para a Educação Alimentar e Nutricional. In: Educação Alimentar e Nutricional: fundamentação teórica e estratégias contemporâneas/ Organização Regina Maria Ferreira Lang, Érika Marafon Rodrigues Ciacchi; 1.ed - Rio de Janeiro: Rubio, 2021. 41-54p.
7. Buss PM, Hartz ZMA, Pinto LF, Rocha CMG. Promoção da saúde e qualidade de vida: uma perspectiva histórica ao longo dos últimos 40 anos (1980-2020). *Ciência & Saúde Coletiva*;25(12):4723-4735. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.15902020>
8. Oliveira AR. Será possível uma Educação Alimentar e Nutricional Freiriana no Brasil? Reflexões e compartilhamentos para um Saber-Fazer pedagógico inquieto. In: Educação Alimentar e Nutricional: fundamentação teórica e estratégias contemporâneas/ Organização Regina Maria Ferreira Lang, Érika Marafon Rodrigues Ciacchi; 1.ed - Rio de Janeiro: Rubio, 2021. 91-106p.
9. Mattos RA. As políticas nacionais de alimentação e nutrição e as trajetórias institucionais dos direitos à saúde e à alimentação. *Cad. Saúde Pública* 2021[Acesso em 31 maio 2023];37 Sup 1:e00149120. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/WFyrdB3DNLTwLhBj9TkVQVr/?format=pdf&lang=pt>
10. Freire, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2005. 213 p. ISBN 8521900058.
11. Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra; 2004.
12. Freire, Paulo. *Educação e Mudança*. Tradução Lillian Lopes Martin. 50º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2023. 110 p.
13. Freire, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. 56ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2023. 189 p.
14. Hooks, Bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante; 2020.
15. Hooks, Bell. *Escrever além da raça: teoria e prática*. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Elefante; 2022. 308 pg.
16. Hooks, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade/bell hooks*; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes; 2017.
17. Hooks, Bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante; 2022. 284 p.
18. Hooks, Bell, 1952-2011. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas/ Tradução Stephanie Borges*. São Paulo: Elefante; 2021. 272p.
19. Belik, W. Um retrato do sistema alimentar brasileiro e suas contradições. Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola - Imaflo, Instituto Ibirapitanga e Instituto Clima e Sociedade. 2020 [Acesso em 31 maio 2023]. Disponível em: https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2020/10/UmRetratoSistemaAlimentarBrasileiro_%C6%92_14.10.2020.pdf
20. Hooks, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra/ bell hooks*; tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante; 2019. 284p.
21. Rede Penssan. *II VIGISAN. Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil*. 2022. [Acesso em 31 maio 2023]. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wpcontent/uploads/> acesso em 20 de março de 2023.
22. Santos AB. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA; 2023.

23. Elaine A. Colonialidade alimentar. In: Da fome à fome: dialogos com Josué de Castro/ Organizado por Tereza Campello. Ana Paula Bortoletto. São Paulo: Elefante; 2022. 309-315.
24. Machado TS. Um pé na cozinha: um olhar sócio-histórico para o trabalho de cozinheiras negras no Brasil. São Paulo: Fósforo; 2022. 397p.
25. Kilomba G. Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó; 2019. 248p.
26. Jaime P, Lima A. Da África ao Brasil. Entrevista com o Prof. Kabengele Munanga. Revista de Antropologia, São Paulo, USP. 2013;56(1).

Colaboradoras

Marinho V e Sá Brito FRS atuaram na concepção e desenho, análise e interpretação dos dados, revisão e aprovação da versão final.

Conflito de Interesses: As autoras declaram não haver conflito de interesses.

Recebido: 30 de junho de 2023

Aceito: 04 de abril de 2024